



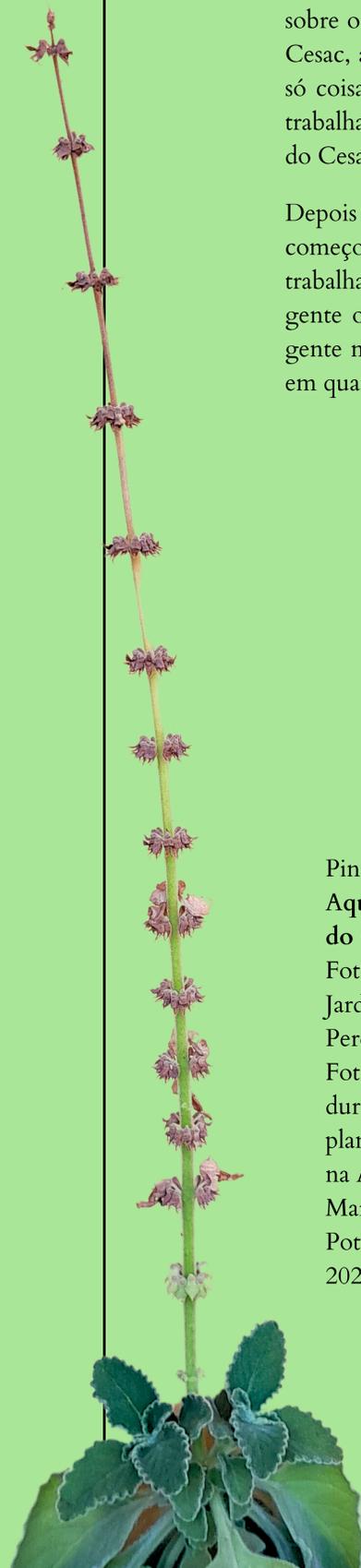
# Ervas e Plantas

por Potyra Krykati Guajajara [1]

Minha relação com a medicina da floresta começa com meus avós, depois com minha mãe. A minha vó Guajajara trabalhava mais com medicina. Ela só pegava uma planta e dizia: “isso aqui é pra dor de barriga”, “isso aqui é pra isso”, “isso aqui é pra isso”, e ela fazia a questão de levar a gente até a planta pra gente reconhecer a planta. E depois com minha mãe. A minha mãe falou assim: “você não precisa tomar remédio”, até mesmo porque a gente não tinha farmácia, não existia farmácia por perto. Então a gente ia só na planta e a gente já tava bem. Eu cresci sem tomar remédio nem vacina, porque a aldeia era muito distante da cidade. Então, por isso, eu aprendi a lidar com as ervas. Tem que respeitar, tem que cuidar e tem que plantar. Às vezes a gente não está bem, mas a gente pega uma planta e aí, já já, a gente fica bem. Toma um chá e já já fica bem.

Temos também os círculos do sagrado feminino, que é uma grande história. Começou lá no Cesac [2], onde a gente trabalhava com Centro Cultural da Arte e Cultura, no Alemão. A gente viu que todas as necessidades da gente indígena também tinha na comunidade que a gente vivia lá. E aí a gente começou a ajudar as mães que não conseguiam trabalhar. Eu organizei um grupo e a gente ficava com os filhos delas, em grupo. De manhã ficava um grupo, de tarde ficava outro grupo com as crianças pra elas poderem trabalhar, pra poderem sobreviver. Então eram duas de manhã, duas de tarde pra cuidar das crianças de algumas mães que precisavam trabalhar, que não tinham pais, ou que não tinham trabalho em casa e os filhos estavam passando necessidade. Se trabalhava de noite, eram outras meninas que ajudavam. E a gente cuidou, fez isso. E achei a necessidade, também, de trabalhar com essas mães porque elas ficaram muito felizes com essa ajuda, mas elas não conheciam, não sabiam o que que tava acontecendo com os filhos delas ali no local. Aí eu falei que era importante envolver as mães, no sábado, no momento em que elas não estavam trabalhando.

Aí, como a gente vai trazer essas mães? A gente fez uma capoeira para os filhos, pra elas poderem participar. A gente fez um sopão. Foi na quarta e depois mudou pra sábado, justamente pra elas participarem. Eu tinha ajuda de outras pessoas também, mas eu que mais busquei isso, dizer pra elas que elas tinham que ver o que estava acontecendo com seus filhos de bom, que eles estavam aprendendo a capoeira, estavam aprendendo a ler, escrever, coisa que eles não conseguiam, que estavam aprendendo sobre a cultura.



Tinha alguns jovens, que tinham nove anos, e outros onze, que tinham problemas na escola. Aí a gente ia lá e buscava saber “como assim, foi expulso da escola? Aconteceu alguma bagunça?” E aí eu comecei a trabalhar com eles.

Eu trabalhei o que a gente tinha de bom dentro da comunidade e disse: agora você faz um desenho sobre o que tem dentro da comunidade de bom. Aí eles botaram metrô, ônibus, botaram escola, o Cesac, aí foram botando padaria, escola... E eu falei: “nossa, tem muita coisa boa. Então, não tem só coisa ruim. Tem muita coisa boa na comunidade, além do que você acha ruim”. A gente foi trabalhando isso com eles e a gente queria que as mães vissem que eles tavam crescendo ali dentro do Cesac.

Depois a gente achou a necessidade de trazer o círculo do sagrado, pra trabalhar as mães. Foi aí que começou. Tem mais de dez anos o círculo do sagrado, pra apoiar essas mães no local e também trabalhando as crianças, ao mesmo tempo, junto com elas. E aí a gente ficou igual psicólogo, a gente ouvia muitas mães, ouvia as crianças também, e trabalhava aquilo que a gente poderia. A gente não poderia trabalhar tudo. Mas agora o Cesac está lá, tem outras pessoas, eu vou lá de vez em quando.

Pintura: *Maracujá*,  
Aquarela por Isis  
do Carmo, 2023.  
Foto: Bolto de  
Jardim. Por Carlos  
Pereira, 2023.  
Foto: Potyra  
durante aula sobre  
plantas medicinais  
na Aldeia  
Maracanã, por  
Potyra Guajajara,  
2023



A minha filha que fica lá direto. Tem o Verdejar que está lá apoiando com plantação, com medicina também, e fazendo várias coisas lá. Aí a gente trouxe o círculo pra cá. Como é que a gente trouxe o círculo sagrado pra cá? Na época da retirada, 2012, 2013. Nessa época tinha muitos indígenas aqui e a gente viu que as mulheres que vinham aqui achavam que poderia ficar com o marido da outra e estava tudo certo porque as etnias aceitavam, todo mundo aceitava, mas eu falei que não era assim, cada etnia tem uma maneira, cada etnia tem um jeito. Tinha muitas brigas das mulheres que ficavam aqui, e até minhas Guajajara com outras etnias ou com outras apoiadoras. Eu e outras meninas que estavam aqui na época, começamos o grupo pra trabalhar o círculo sagrado, pra falar um pouco da cultura que não é igual pra todo mundo. Então a gente buscou o círculo sagrado pra falar sobre as medicinas, falar sobre a saúde da mulher, falar sobre o respeito. Foi aí que veio o círculo sagrado e até hoje o círculo sagrado é um grupo todo de mulheres indígenas daqui. Mesmo que eu esteja de frente, é o grupo todo que eu puxo pra ficar aqui, porque mais tarde ou mais cedo eu não vou estar aqui. Então elas tem que seguir.

Esse trabalho do sagrado feminino eu consigo transmitir um pouco do que eu sei sobre medicina tradicional. Mas a gente tá escrevendo também um livro, porque é difícil se passar tudo dentro de duas horas de encontro.

A cada ciclo a gente fala um pouco sobre uma planta, fala sobre uma coisa, fala sobre a mulher e aí todas vão ter voz, então eu não posso cortar a voz de outra mulher, porque é o momento delas. Então a gente fala um pouco, mas a gente, eu, a Luciana e a Bianca, a gente está escrevendo um livro sobre as plantas e a gente vai falando da flor da planta até a raiz, que foi o que eu aprendi. Vai ser um grande livro, mas a gente vai falar um pouco das plantas. Não é muito, porque em um livro não cabe todas as plantas, então a gente vai falar mais das plantas que são mais importantes e que estão no local, como o Jenipapo, o Algodão... Então são as plantas que não podemos deixar de falar.

O mais importante é que a cada dia a gente já mostra pros alunos sobre as plantas, o respeito, a cura que a planta faz e a gente fala sobre cada uma quando eles vem aqui. Fala sobre a importância do algodão, que faz roupa, que cura, mas também que protege, que faz chá, que faz banho. Entre os Guajajara esse trabalho da medicina é feito muito pelos mais velhos e pelas mais velhas. As mulheres também trabalham muito a arte, que são as redes, as bolsas e tudo que vem do algodão. Elas trabalham a erva, trabalham com a benzedora, trabalham com o pajé, todos juntos. É aqui que tem muita separação, e isso é muito ruim.



Ora-pro-nobis em flor. Fotografia por Carlos Pereira, 2023

As mulheres Guajajara são muito decididas. Quando elas querem, elas reúnem dez mulheres aqui e dizem: hoje o Zé vai ser o cacique. Ele não sabe, mas elas vão lá e resolvem, entendeu? Elas são decididas, não tem que chamar fulano, sicrano, não. Nós somos assim. Não posso viver sem planta. A medicina é muito importante pra fazer chá, pra fazer banho, pra curar também. Então, eu não posso viver sem planta. Lá no Cesac eu tenho planta, aqui eu tenho planta, aonde eu tô eu tenho planta. Porque eu vivi com planta, eu acordava com planta, com as flores, os beija-flores e tudo cantando ao mesmo tempo, as árvores e a terra. A terra é que nos dá todos os alimentos que a gente come. É muito importante a gente cuidar da terra. A terra é mãe também. E ela cura também. Faz os nossos alimentos, de todos os dias, eles vêm todos da terra. Tem que ter mesmo esse cuidado pra não destruir a terra.

## ***A importância da mulher e da terra: as duas são importantes. A mulher pare a vida. A terra nos dá alimento para a vida.***

[1] Esta é a transcrição da fala de Potyra Guajajara em um encontro feito na Aldeia Marakanã, no dia 21 de março de 2023, pela manhã.

[2] CESAC é o Centro de Etnoconhecimento Sócio-cultural e Ambiental Cauieré, que existe desde 1993.

Foto: Potyra na Quinta da Boa Vista durante ensaio que faz parte de uma pesquisa sobre monumentos em espaços de memória indígena na cidade do Rio de Janeiro, 2023





*Cajus*, por Isis do Carmo  
Pintura em Madeira, 2022